

## Influxos platinos no discurso crítico do Rio Grande do Sul: João Pinto da Silva

Profa. Dra. Léa Masina  
UFRGS

A crítica literária exercida no Rio Grande do Sul no século XX foi, com raras exceções, de tendência lusófona, presa à idéia de que a língua separava o Brasil dos demais países da América Latina. Não se ignorava a origem ibérica comum, imposta como um índice de proximidade entre as culturas. No entanto, essa origem não era considerada suficiente para autorizar a proximidade entre a literatura gaúcha e as literaturas platinas que, não obstante, conviviam nas longas faixas de fronteiras entre os países. Diferentes fatores contribuíram para definir esse posicionamento, destacando-se o receio, dissimulado no gosto pelo purismo lingüístico, de que a literatura gaúcha se afastasse do centro hegemônico do país. A literatura brasileira, por sua vez, vinha sendo estudada, desde o início do século, sob a égide do nacionalismo, noção advinda dos primórdios românticos de XIX. A assunção do *constructo* teórico do nacional para a legitimação da arte criou, no Brasil, uma verdadeira “tradição afortunada” responsável, no dizer de Afrânio Coutinho<sup>1</sup>, pela coesão do nosso sistema literário. E ainda que muitos textos críticos destacassem a expressão de idéias que apontavam para um cosmopolitismo particular, a literatura sobre a qual continuou-se a escrever durante o século XX acentuava as marcas do local e do nacional confundidos num mesmo conceito. Assim, o discurso crítico, como

<sup>1</sup> COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada* (o espírito de nacionalidade na crítica brasileira). Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: EDUSP, 1968.

não poderia deixar de ser, perseguiu ideais utópicos, como a visão homogênea de uma cultura brasileira, vivendo a tensa relação de dependência com o pensamento europeu.

Essa tradição, com diferentes nuances, fora dominante no século XIX, quando a trindade crítica brasileira, representada por Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Jr., buscou “atualizar” o pensamento nacional, trabalhando com os aportes das teorias deterministas e evolucionistas provenientes da Europa. No século XX, porém, os críticos das primeiras décadas dividiam-se, discretamente, entre duas tendências: prosseguir investigando as relações entre história e literatura, ou produzir leituras críticas impressionistas, voltadas para a valorização estética dos textos literários. Essas duas tendências, como bem observa João Alexandre Barbosa,<sup>2</sup> conciliavam-se através de propostas historiográficas. A essas incorporaram-se, aos poucos, os mecanismos da Sociologia, que aportara no Brasil graças, entre outros, a os trabalhos de Gilberto Freyre. E já em meados do século, Antonio Candido desponta na crítica literária, apresentando uma visão sistêmica do fato literário, que privilegiava a interação entre autor-obra-público. Também, nesse primeiro momento, Afrânio Coutinho publica a coleção *A Literatura no Brasil* (1959), que idealizou e coordenou, composta por ensaios de natureza monográfica, escrita por diferentes críticos literários e professores de literatura. Na *Introdução* da obra, o autor antecipa a divisão da matéria literária por eixos históricos, períodos estilísticos que permitiam identificar a projeção das tendências européias, inclusive, na sua denominação. Tanto Candido quanto Coutinho e outros pensadores da época dedicavam-se ao magistério superior, o que, num certo sentido, justifica o deslocamento da prática crítica, que migra dos periódicos para o âmbito institucional.

No Rio Grande do Sul, surgida com o Parthenon Literário, em 1868, a crítica literária confundiu-se com a prática periodística, uma vez que os jornais, sempre abundantes no sul, foram o espaço privilegiado para a circulação das idéias. A formação de opinião e o julgamento estético das obras eram práticas simultâneas que, ainda assim, possibilitaram o surgimento de uma geração de críticos cuja importância no ordenamento da matéria literária foi vital para configurar o que hoje se entende por literatura gaúcha. E muito embora a prática do periodismo literário fosse idêntica ao que ocorria nos países do Prata, com forte impregnação política, conforme acentuou o historiador João Pinto da Silva, em 1924,<sup>3</sup> os críticos preocupavam-se em

<sup>2</sup> Leia-se: “A paixão crítica”, de João Alexandre Barbosa, em *A leitura do intervalo* (1990).

<sup>3</sup> João Pinto da Silva, *História Literária do Rio Grande do Sul*. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1930. p. 24.

espelhar o que acontecia no centro do país. E isso ocorria, muitas vezes, de forma anacrônica e desvinculada da realidade, quando, por exemplo, questões polêmicas que haviam ocupado a intelectualidade dita “brasileira”, aqui repercutiam com visível atraso, enchendo páginas e páginas dos periódicos locais.

Exemplo disso lê-se em Alcides Maya, o primeiro crítico literário gaúcho. Ocupado em escrever sobre questões do momento, foi um disseminador da cultura francesa e também do pensamento crítico brasileiro contemporâneo, dedicando-se a comentar, em diversos momentos, as polêmicas que dividiam as opiniões em torno de José Veríssimo e Sílvio Romero. Do mesmo modo como procurava “atualizar” sua comunidade discursiva, realizando um projeto intelectual propedêutico e “civilizador”, Maya inseriu o Rio Grande do Sul no mapa literário do Brasil. Esse desejo de inclusão induz a pensar a questão da identidade do gaúcho e de seu pertencimento a um estado meridional, cuja história fora marcada por guerras de defesa de fronteiras. Isso porque o Rio Grande do Sul, sempre espoliado pela política do governo central, sentia-se paradoxalmente atraído e ameaçado pela proximidade com os países do Prata. Toda a mitologia pampiana, que a literatura acolhe e reitera, aponta para o duplo pertencimento que contempla sentimentos contraditórios, advindos de uma nacionalidade difusa e conflituosa. O conjunto da obra de Maya contém o paradoxo de um discurso crítico anti-separatista, e uma obra literária em tudo próxima às narrativas de escritores uruguaios e argentinos.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Tratei especificamente esse tema no livro “Alcides Maya, um Sátiro na Terra do Curupira”, ressaltando a proximidade entre suas narrativas e as do uruaio Javier de Viana e do argentino Acevedo Díaz.

Muito embora a tendência dominante na primeira metade do século XX, no Rio Grande do Sul, resultasse na negação dos influxos platinos na literatura brasileira, a proximidade e os contágios culturais foram reconhecidos por um número minoritário de críticos e historiadores da literatura. Esse reconhecimento numericamente inexpressivo foi ignorado durante o século XX, eis que a crítica optou sempre por mitigar a diferença regional, acentuando a proximidade temática e periodológica com a literatura dita “brasileira”, lida e legitimada no eixo Rio-Minas-São Paulo. O regionalismo literário que irá realizar, na prática narrativa, os postulados das vanguardas modernistas, foi aceito como manifestação de diferenças locais que, tomados de forma aditiva, comporiam um “retrato” vivo do Brasil. Esse seria composto por gaúchos, sertanejos nordestinos, mineiros e baianos, como ficou configurado no romance de 30. Desse modo, o “meu Brasil brasileiro”, rimando com Rio de Janeiro, encobriu um rico filão investigativo

que aponta para o diálogo entre as culturas fronteiriças do Brasil: o Uruguai e a Argentina.

### João Pinto da Silva

Em 1924, João Pinto da Silva, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em Porto Alegre, instituição privada de grande importância para o fomento aos estudos da cultura regional, publicou a sua *História Literária do Rio Grande do Sul*. O autor, jornalista e autodidata, chegou a ocupar cargos diplomáticos durante a chamada Era Vargas. Informam fontes bibliográficas ter-se exonerado cargo que exercia logo após a Revolução de 30, porque se opunha à privação da liberdade da imprensa.

Por esse tempo, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul reunia, dentre seus membros, algumas figuras de proa da intelectualidade local, dentre as quais destacava-se, por sua liderança intelectual, Moysés Vellinho. Autor de diversos livros de ensaios, Vellinho defendia abertamente a idéia de predomínio da cultura de origem portuguesa no estado. Pesquisador sério e bem articulado, publicou *Letras da Província* (1944) e *Capitania D'El Rei*: aspectos polêmicos da formação rio-grandense (1963). Nessas obras, o ensaísta deixa clara sua preferência pela vertente lusitanista, afirmando uma “fidelidade de raiz ao idioma que as forças da tradição nos legaram”.<sup>5</sup> Nesse sentido, sempre que examina as relações do Rio Grande com o Prata, o faz para acentuar o reconhecimento de um “antagonismo atávico”, decorrente de injunções políticas e ideológicas da época. Essas acentuavam o entendimento de que as guerras de fronteira motivariam a separação indesejada do Rio Grande do Sul com relação ao resto do Brasil. A essa época, temia-se também que se repetissem antigas disputas coloniais com relação à faixa territorial que corresponde ao estado fora antiga Colônia do Sacramento, pertencente ao Uruguai. Essas disputas foram, mais tarde, representadas ficcionalmente por Erico Veríssimo que, no primeiro volume de *O Continente*, parte inicial da trilogia *O tempo e o vento*, recupera a história da formação da identidade gaúcha. Para tanto, Érico recria o embate entre espanhóis, índios, portugueses que disputam os Sete Povos das Missões, cujo pertencimento era objeto de acordos e tratados estabelecidos entre as coroas de Espanha e Portugal.

No entanto, como hoje se reconhece, as culturas de fronteira não dependem de acordos, limites administrativos ou vontades políticas: elas são permeáveis e, portanto, atravessadas por representações simbólicas

<sup>5</sup> VELLINHO, Moysés. A fronteira e a língua. In: \_\_\_\_\_. *Capitania D'El Rei*. (1964), p.228.

comuns. Além disso, existe um modo de viver fronteiriço que, no caso, encontra-se representado pela vida nas campanhas, as guerras, a porosidade cultural e a tensão permanente. No entanto, as hostilidades cotidianas comuns aos tempos de demarcação dos limites das nações nunca impediram o fluir dos contatos humanos, criando semelhanças e convergências inevitáveis entre culturas que se desenvolveram num mesmo espaço geográfico e sob condições sócio-históricas semelhantes.

<sup>6</sup> Id. *Ibidem*, p. 143.

Em muitas ocasiões, Moysés Vellinho posicionou-se contrário à proximidade platina e ao reconhecimento de seus influxos, chegando mesmo a considerar sua identificação como “grossos erros de interpretação”.<sup>6</sup> Evitando o que considerava um “paralelo fácil” entre diferentes culturas vizinhas, Vellinho firmou uma posição que se tornou dominante no século XX, e que, de certa forma, impediu o desenvolvimento de outros aportes, assim excluídos ou obscurecidos.

Em decorrência dessa visão dominante, foram poucos os críticos de meados de XX que, em suas obras, registram a proximidade entre as culturas platinas e a brasileira. Dentre esses, podem-se citar e João Pinto da Silva, Manuelito de Ornellas e Sílvio Júlio. Num segundo momento, aliam-se a esses Rubens de Barcellos, Augusto Meyer e Guilhermino César. Como se pretende, em trabalhos futuros, aprofundar o estudo desses confrontos, muitas vezes transformados em polêmicas, importa registrar o pensamento dominante na *intelligentsia* gaúcha para, na contramão dessa tendência, destacar a contribuição do historiador e crítico João Pinto da Silva, autor da *História da Literatura do Rio Grande do Sul* (1924) e de *A Província de São Pedro* (1930), dentre outros ensaios.

Historiador literário das primeiras décadas de XX, João Pinto da Silva é valorizado por sua contribuição para definir as características da literatura do Rio Grande do Sul, o que alcançou ao estudar, de modo pioneiro, as manifestações do regionalismo sulino. Ao lado disso, porém, Pinto da Silva, ao escrever a primeira história da literatura do Rio Grande do Sul, construiu um arcabouço teórico com paradigmas recolhidos às obras de escritores, críticos e ensaístas platinos, como Zum Felde, uruguaio, e Ricardo Rojas, argentino. Lida numa perspectiva contemporânea, sua *História da Literatura* resulta num exercício de crítica e historiografia comparatista, eis que o olhar crítico se desloca constantemente do Brasil para o Prata, em busca de informação e legitimação. Ele reconhece, desde o primeiro momento, as vagarosas infiltrações culturais que adentravam as fronteiras

meridionais do Brasil, embora fossem essas impermeabilizadas pelas guerras. E deplora a ausência de “cultura literária” na província gaúcha, ao contrário do que ocorria em outros estados brasileiros, ágeis na importação de professores e literatos europeus. Seguindo esse rumo, enfrenta a questão do folclore regional, comparando o sul do Brasil, com o Uruguai e a Argentina, para concluir que o brasileiro era, em todo, avesso à épica, eis que colhido em meio a condições sociais inóspitas, como as revoluções 1835 e 1893. Para construir esse raciocínio crítico, articula-se ao pensamento de Alberto Zum Felde, expresso na *Crítica de la literatura uruguaya*, buscando, assim, os parâmetros para pensar a produção literária do Rio Grande do Sul. E conclui que nem os “cielitos”, do uruguaio Hidalgo, nem “la produccion maestra del genero, el Martín Fierro”, encontram correspondência no subjetivismo lírico e sentimental da poesia brasileira. Sem encontrar em Zum Felde, sequer no *Proceso histórico Del Uruguay*, um maior desenvolvimento do tema, Pinto da Silva recorre a Ricardo Rojas, autor da *Historia de La Literatura Argentina*, para concluir que na Argentina “é tão freqüente como entre nós a tepidez sentimental, aquele suave *calor corazonero* de que fala o poeta”.<sup>7</sup>

Veja-se que Pinto da Silva não procura referenciais na *trindade crítica* brasileira – Romero, Veríssimo, Araripe –, aliás, bastante lida no sul do Brasil, eis que a obra dos referidos críticos fora objeto de ensaios e artigos críticos publicados sistematicamente por Alcides Maya nos principais jornais da época. João Pinto da Silva também não se louva, de modo dominante, na cultura européia, muito embora refira os cânones da época, como Walt Whitman, Emerson, Edgar Allan Poe, Marx Nordeau e outros. São os platinos que, nas três primeiras décadas do século XX, mobilizam a opinião de um jornalista, político e diplomata, cujos demais acertos críticos são, até hoje, fartamente louvados e reconhecidos por sua pertinência.

Não importam as conclusões a que João Pinto da Silva chega nesses momentos: quer-se somente pontuar uma prática crítica que não criava parâmetros a partir do centro nacional ou do cânone europeu. Como se lerá na *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, quando estuda o regionalismo e seus principais autores, e também quando descreve e analisa as manifestações teatrais, o exercício da crítica, o periodismo cultural e político, Pinto da Silva sempre argumenta através da comparação sistemática com as culturas platinas, denotando no seu discurso crítico o diálogo interliterário e intercultural.

<sup>7</sup> SILVA, João Pinto da. (1924) p. 23.

Em 1930, João Pinto da Silva publica um livro intitulado *A Província de S. Pedro*: interpretação da história do Rio Grande. O título repete o nome da coleção de revistas dirigida por Moysés Vellinho, cujos principais ensaios virão a ser publicados em livro, compondo o conjunto também denominado “Coleção Província”. A insistência em nomear assim a produção literária de proa, escrita e publicada pelos intelectuais que formavam a *Geração da Globo*,<sup>8</sup> parece ter uma intenção ambivalente, irônica e sobranceira. O livro, porém, inicia situando a questão geográfica e histórica do Rio Grande, lendo-se já no primeiro capítulo:

<sup>8</sup> O grupo tornou-se assim conhecido porque os escritores gravitavam em torno da Livraria do Globo, em Porto Alegre.

*O Rio Grande é uma região sui-generis, ponto de contacto, ou intersecção de dois climas, zona intermédia de diferenciação botânico-zoológica. Ainda não é o Prata e já não é, tampouco, o Brasil.* (p.16)

Essa fronteira que é, segundo o naturalista citado, Elisée Réclus, também uma fronteira zoológica apresenta, para Pinto da Silva, grande permeabilidade. Para ele, flora e fauna são oriundas de permutas e tipicamente decorrem de transição. Essa dualidade, também sob o ponto de vista climático, não resulta em determinismo mesológico, como ocorreu longamente na passagem do século XIX para o XX. Embora refira Taine e sua teoria do meio, raça e momento, o historiador e crítico afirma, com segurança, que na formação do caráter sul-rio-grandense, *a geografia física influiu muito menos do que a geografia política* (1930: 26). E ainda que o Rio Grande do Sul se lhe parecesse, geograficamente, *quase uma ilha* (1930:29), a situação histórica e política de região fronteira seria responsável pela caracterização cultural do gaúcho. A defesa das fronteiras, a atividade guerreira e de permanente guerrilha fez do gaúcho um soldado permanente. A desoladora impressão de deserto, transmitida pelos naturalistas europeus, Nicolau Dreys e Herbert Smith, explicaria, pela lógica, as atitudes dos colonizadores portugueses e espanhóis, ora interessados na fronteira marítima de São Pedro do Sul, ora dela esquecidos. A preferência por Maldonado, no Uruguai, e não por Rio Grande, no Brasil, definiu o ato fundador de José da Silva Paes quando, em 1737, precisou descer até a barra do Rio Grande para ocupar a raia oceânica. João Pinto da Silva encerra a primeira parte do seu livro, comentando:

*Mais em contato com o Prata do que com a Guanabara, trabalhado, enfim, por elementos vários de desagregação, o Rio*

*Grande, de cuja população exigia o Brasil tantos e tão ásperos sacrifícios, teria, talvez, em oportunidades várias, todo ele, e não apenas a minoria, como em 35, pensado em se tornar autônomo, se a dolorosa experiência democrática do Uruguai e o expansionismo expectante da Argentina lhe não houvessem feito compreender que, em face das desvantagens do caudilhismo iminente e dos riscos de anexação por parte de Buenos Aires, o mais acertado ainda era permanecer fiel aos governos longínquos e, muita vez, retrógrados do Rio de Janeiro.*<sup>9</sup>

<sup>9</sup> PINTO DA SILVA (1930), p. 39.

Assim, tanto pela vertente da história regional, ligada à geografia física e política, quanto pela vertente do pensamento, João Pinto da Silva registrou sempre a dominância do caráter fronteiriço do Rio Grande do Sul. Em decorrência disso, acentuou, muitas vezes, em sua obra, a proximidade tentacular de uma grande metrópole, de vida intensa e trepidante, como Buenos Aires (1924:128) apontada como elemento de distinção entre a cultura próxima ao Uruguai àquela mais chegada à Argentina. Essas diferenças, como não poderiam deixar de ser, manifestam-se nas nuances fronteiriças. O modo como se articulam, desde o início da colonização, essas culturas foi o grande legado do primeiro historiador literário do Rio Grande do Sul.

## Referências bibliográficas

- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868-1880*. Porto Alegre: EST, 1982.
- CESAR, Guilhermino. A vida literária no Rio Grande do Sul. In: PRADO, Áurea et alii. *Rio Grande do Sul. Terra e Povo*. Porto Alegre: Globo, 1964.
- CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre: Globo, 1971.
- CESAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande: literatura..* (Organização e introdução Tânia Franco Carvalhal). Porto Alegre: IEL; Editora da Universidade: UFRGS, 1994.
- CESAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do Romantismo*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul, 1868/1960*. Rio de Janeiro; Livros Técnicos e Científicos; Brasília; INL, 1979.
- CHIAPPINI, Lígia. Multiculturalismo e identidade nacional. IN: MARTINS, Maria Helena. *Fronteiras Culturais*. São Paulo: Ateliê Editorial; Porto Alegre: Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, 2002.



- COUTINHO, Afrânio. *Caminhos do pensamento crítico* Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.
- COUTINHO, Afrânio. *A Tradição Afortunada* (o espírito de nacionalidade na crítica brasileira). Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Edusp, 1968.
- FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre do século XIX*. Porto Alegre: URGs, 1975.
- HENRIQUEZ UREÑA, Pedro. *Historia de la cultura em la América hispánica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- LEITE, Lúgia Chiappini Moraes. *Regionalismo e Modernismo*. São Paulo: Ática, 1978.
- MARTINS, Maria Helena. (Org.). *Fronteiras Culturais*. São Paulo: Ateliê Editorial; Porto Alegre: Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, 2002.
- MASINA, Léa. Periodismo cultural no início do século. *Continente Sul/Sur*, Porto Alegre, n.2, p. 227-235, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A Gauchesca brasileira: revisão crítica do Regionalismo*. In: MARTINS, Maria Helena. (Org.). *Fronteiras Culturais*. São Paulo: Ateliê Editorial; Porto Alegre: Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, 2002. p.93-105.
- MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. Rio de Janeiro: Martins, 1943.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST/IPC, 1982.
- SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul* Porto Alegre: Globo, 1924.
- \_\_\_\_\_. *A Província de São Pedro* (interpretação da história do Rio Grande), Porto Alegre: Globo, 1930.
- VELLINHO, Moysés. O gaúcho rio-grandense e o gaúcho platino. In: FUNDAMENTOS da cultura rio-grandense: 2ª. série. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1957, p. 47-66.
- \_\_\_\_\_. *Letras da Província*. Porto Alegre:Globo, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Capitania d'El Rei*: aspectos polêmicos da formação rio-grandense. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1970. p. 223-235.

